

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A CONTRARREFORMA: RESPOSTA CONTRA O PROTESTANTISMO E RENOVAÇÃO ECLESIÁSTICA DENTRO DO CATOLICISMO

The Counter-Reformation: response against Protestantism and ecclesiastic
renewal within Catholicism

Josemar Valdir Modes¹
João Vicente Diniz Höring²

RESUMO

Este artigo analisou o evento histórico conhecido como *Contrarreforma*, ou *Reforma Católica*. Foram abordados os motivos que levaram a Igreja Católica a realizar tal ação após anos de hegemonia de poder e influência na Europa, como também se fez um estudo sobre o *Concílio de Trento* e as tentativas de reconciliação entre protestantes e católicos. Por fim, se destacou a fundação da ordem dos Jesuítas e o seu papel na Contrarreforma.

Palavras -chave: Contrarreforma. Concílio. Igreja.

ABSTRACT

This study analyzed the historical event known as *Counter-Reformation*, or *Catholic Reformation*. The reasons that led the Catholic Church to take such action after years of hegemony of power and influence in Europe was approached, as was made a study on the *Council of Trent* and the attempts for reconciliation between Protestants and

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na PIB Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

² O autor é aluno do quarto ano do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e estudante do curso de Licenciatura em História pela UNOPAR. E-mail: João Vicente joao.harry@outlook.com

Catholics. Finally, the foundation of the Order of the Jesuits and their role in the Counter-Reformation.

Keywords: Counter-Reformation. Council. Church.

INTRODUÇÃO

Após séculos de hegemonia católica no continente europeu, um homem se levantou contra práticas para as quais não via bases nas Escrituras. Martinho Lutero, com suas 95 teses, tentou reformar a Igreja Católica, e acabou condenou fortemente práticas como a arrecadação de indulgências, a infalibilidade papal, o culto aos santos, entre outras práticas, que ele considerou sem embasamento bíblico.³ Esta novidade teológica revolucionou o meio eclesiástico e fez com que, em debandada, muitos outros seguissem estes *hereses* reformistas.

Como resposta a esta revolta contra a cristandade oficial surgiu a Contrarreforma como um evento transcorrido no fim do período da Reforma Protestante ou até mesmo após a Reforma. A Contrarreforma é considerada a “resposta” ou “contra medida” da Igreja Católica em relação ao movimento Luterano.⁴

Tal iniciativa Católica começou com um “fraco pensamento” de uma possível “reconciliação” entre a Igreja Católica e as igrejas de cunho protestante. Tal medida, como uma “Contrarreforma”, foi tomada ao perceber que as igrejas luteranas, anglicanas e demais, que se denominavam protestantes (como as calvinistas), estavam tomando o controle de praticamente todo o norte europeu.⁵

O protestantismo já havia lançado bases sólidas na Alemanha, França, Escandinávia, Suíça e Inglaterra. Porém a Contrarreforma gerou uma “renovação interna” dentro da Igreja Católica que tornou possível parar momentaneamente o avanço do protestantismo na Europa.

Além de fazer oposição ao mundo reformista, a Contrarreforma teve também importância singular na expansão do catolicismo mundial. A reação enérgica moveu a igreja para diferentes lugares dando ao cristianismo a expressão mundial em termos geográficos. Internamente houve mudanças, mas elas foram mais uma forma de ratificar a doutrina já ensinada do que alguma inovação em termos de prática e funcionamento da Igreja. Os desdobramentos da Contrarreforma e seus efeitos nortearão o estudo que segue, analisando o contexto católico, o Concílio de Trento e a Ordem dos Jesuítas.

³ LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 91-94.

⁴ NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 211.

⁵ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 310-311.

1. O CONTEXTO DA IGREJA CATÓLICA

1.1 Contrarreforma ou Reforma?!

Antes de se abordar diretamente a respeito da Contrarreforma, é preciso analisar o contexto em que se estava a Igreja Católica. Até o período “pré reformista” a Igreja Católica não comandava e controlava somente a área religiosa da Europa, mas todos os âmbitos da sociedade, desde a área social até a área política e até mesmo militar de algumas nações.

Um bom exemplo do tamanho do poder e da influência que a Igreja Católica detinha está no artigo “Ser ou não Ser? Eis a questão!”,⁶ produzido por Kunz, no qual ele retrata a presença e o desejo de poder da igreja sobre as demais áreas da sociedade, desde influências políticas sobre os reinos europeus, como a decisão de casamentos entre as nobrezas dos países, e até mesmo a fomentação de conflitos entre reis. Da mesma forma, a igreja controlava tudo aquilo que se ensinava e descobria no meio científico, ou seja, controlava e decidia o que era e o que não era verdade através da Inquisição.

Porém, no momento em que Lutero rompe com a Igreja Católica, ele consegue desestabilizar essa “hegemonia de poder”⁷ e trazer à tona as práticas errôneas cometidas pela Igreja Católica na época. Lutero não fez um rompimento somente na área religiosa, mas também (e principalmente) na área política da Alemanha, que mais tarde iria influenciar todo o continente europeu. Isso causa uma grande confusão não somente para a Alemanha, mas para os próprios países ao seu redor.

Com o alvoroço causado pelo protestantismo, as bases do catolicismo foram abaladas, há muito elas já estavam danificadas pelos pré-reformadores e pelos próprios monges e cardeais que notaram a necessidade de uma reforma interna da Igreja Católica.⁸ O momento em que acontece a Contrarreforma é usualmente visto como a resposta católica ao protestantismo, porém segundo Daniel Rops, ele considera errôneo tal pensamento.⁹ Segundo Rops, não foi uma “contrarreforma”, mas sim uma “reforma católica” ou até mesmo um “renascimento” que já estava acontecendo a quase um século dentro do catolicismo. Tanto que essa é a discussão entre os historiadores: se foi uma resposta ao protestantismo ou se foi uma reforma interna da Igreja Católica.¹⁰

Mesmo antes de Lutero deixar suas teses na porta da igreja, um distinto e aristocrático grupo de Roma havia formado uma fraternidade chamada Oratório do Divino Amor. Sua principal crença era que a reforma da igreja e da sociedade começa na alma de cada um. A Oratório nunca teve muitos membros, 50 talvez, embora tivesse uma influência enorme. Ela estimulou uma reforma nas antigas ordens monásticas e ofereceu líderes para a igreja de Roma quando elaborava planos para um concílio geral que lidaria com uma reforma interna e com a heresia protestante. Dentre os membros da

⁶ KUNZ, Claiton André. Ser ou não Ser? Eis a questão! *Via Teológica*, 2002, p. 113-121.

⁷ NICHOLS, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 163.

⁸ MARTINA, Giacomo. *História da igreja: de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 188-189.

⁹ DANIEL-ROPS. *A igreja da Renascença e da Reforma (II): a Reforma Católica*. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984, p. 7-9.

¹⁰ NOLL, 2000, p. 211.

Oratório que mais tarde emergiram como figuras de importância encontravam-se Jacopo Sadoletto, que debateu com Calvino; Reginald Pole, que tentou, no reinado de Maria Sanguinária, fazer com que a Inglaterra novamente se voltasse para Roma; e Gian Pietro Caraffa, que se tornou o papa Paulo IV.¹¹

1.2 Ximénez e o humanismo espanhol

Segundo Dreher, a origem da Reforma Católica se encontrava na Espanha, onde o catolicismo estava totalmente ligado ao Estado, em um sentido de “dependência”, ao ponto de que a igreja espanhola ficava, quando necessário, em oposição à Roma. Foi neste contexto que Ximénez de Cisneros (1436-1517) procurou modificar a igreja.

Ximénez notou que os grandes problemas que estavam ocorrendo dentro da Igreja Católica eram a questão da moralidade e, segundo ele, a falta ou má qualidade de formação. Por conta disso, ele “reformou” as universidades de Salamanca e Valladolid, além de criar outras universidades em Alcalá de Henares, Sevilha, Granada e Toledo.¹²

A teologia se tornou o centro dos estudos nessas instituições, a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino havia ocupado o lugar principal nos estudos. Da mesma forma, na época de Ximénez o humanismo estava muito presente, inclusive nessas universidades. Assim se construiu um tomismo com características humanistas que determinou e formou o catolicismo espanhol da época.¹³ Tais pensamentos são importantes para a Contrarreforma, pois eles estão presentes em Inácio de Loyola, o fundador da Ordem dos Jesuítas, que teve um papel extremamente importante dentro da Reforma Católica.¹⁴

É possível observar que antes mesmo de Lutero fixar as 95 teses que deram início a Reforma Protestante, já havia indícios de um processo sutil dentro do próprio catolicismo para uma reforma interna. Isso em parte se deve aos pensamentos humanistas da época, que defendiam que a igreja Católica deveria ser reformada, porém sem haver nenhum tipo de Cisma.¹⁵

Porém este é apenas parte do contexto em que estava a igreja Católica, esta “reforma interna” demorou muito para acontecer de forma oficial, e Lutero já estava se levantando contra dogmas, práticas e tradições católicas.¹⁶ Somente com o acontecimento da Reforma Protestante é que o catolicismo percebe a necessidade de uma reforma interna urgente, uma

¹¹ SHELLEY Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos.** Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2004, p. 304.

¹² DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma.** São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 116-117.

¹³ DREHER, 2002, p. 116.

¹⁴ NOLL, 2000, p. 206-209.

¹⁵ OLIVEIRA, Zaquie Moreira. **História do cristianismo em esboço.** Recife: STBNB, 1998, p. 212.

¹⁶ GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a Era dos Reformadores.** São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 51.

necessidade que o Papa Paulo III¹⁷ procurou sanar o quanto antes, através do Concílio de Trento.¹⁸

Uma explicação para esta demora Católica em realizar a reforma interna advém de dois motivos centrais.

Uma resposta simples seria política. O imperador Carlos V e os papas travaram uma batalha incessante pela convocação de um concílio geral, que se estendeu por décadas. Lutero requereu um concílio da igreja no início de 1518. A ideia ganhou o apoio dos príncipes alemães e do imperador, mas os papas temiam tal assembleia. Eles se lembravam muito bem dos concílios de Constance e da Basileia. E também sabiam que muita gente na Alemanha desejava um concílio sem o papa. Igualmente importante para se entender a demora da igreja em reagir é o fato de que nas décadas de 1520 e 1530 os papas estavam preocupados com questões políticas e seculares.¹⁹

Realizar uma reforma interna por meio de um Concílio era um passo arriscado e demandava de muita disposição e desdobramentos internos, os quais nem todos os papas estavam dispostos a percorrer. Mas o Concílio de Trento foi uma necessidade para a cristandade católica e um marco na Contrarreforma.

¹⁷ “O PAPA PAULO III parecia a pessoa menos indicada para a liderança espiritual. Tinha uma filha e três filhos ilegítimos, quatro lembranças surpreendentes de sua busca de prazeres. Mas o saque a Roma parece tê-lo tornado mais moderado. Ele percebeu que havia chegado a hora da reforma na Casa de Deus. Começou por onde sentia que uma mudança de coração era mais necessária: no Colégio de Cardeais. Indicou para o colégio alguns campeões da Reforma. Dentre eles, estavam os líderes do Oratório do Divino Amor: Sadoletto, Pole e Caraffa. Paulo, então, indicou nove dos novos cardeais para uma comissão de reforma. O chefe da comissão era outro antigo membro do Oratório, Gasparo Contarini. Pacifista por temperamento, Contarini posicionou-se pela reconciliação com os protestantes e advogou um retorno à fé dos apóstolos. Após um estudo abrangente das condições da igreja de Roma, a comissão produziu um relatório formal em 1537, Conselhos (...) relativos à reforma da igreja. A desordem na igreja, dizia o relatório, poderia estar diretamente atrelada à necessidade de reforma. O ofício papal era secular demais. Tanto os papas como os cardeais precisavam dar maior atenção às questões espirituais e parar de se interessar tanto pelo mundo. Suborno de autoridades, abuso de indulgências, desobediência às leis da igreja, prostituição em Roma, tudo isso teria de acabar” (SHELLEY, 2004, p. 306-307).

¹⁸ OLIVEIRA, 1998, p. 220.

¹⁹ QUESTÕES POLÍTICAS QUE ENVOLVIAM OS PAPAS: “Clemente VII (1523-1534) é um exemplo evidente. Ele via os negócios relativos aos Estados Papais na Itália como lei suprema, e sua paixão pelas fortunas políticas papais o levou a fazer uma aliança com a França contra Carlos V, líder dos interesses de Habsburgo na Itália. A traição do papa e sua deslealdade enfureceram Carlos, e ele passou a ameaçar Clemente com um julgamento antes do concílio geral, a menos que ele quebrasse sua aliança com Francisco I, rei da França. Para mostrar ao papa que não estava brincando, Carlos ordenou que suas tropas marchassem sobre Roma. Mas as coisas foram além do que ele tinha planejado. Os comandantes de suas tropas foram mortos. Em consequência, os rudes e indisciplinados mercenários alemães e espanhóis ficaram sem líder quando entraram em Roma em 6 de maio de 1527. A pilhagem e os assassinatos na Cidade Eterna duraram semanas. O papa buscou refúgio no castelo de santo Ângelo, mas finalmente teve de se render e suportar meio ano de severa prisão. Muitos consideraram esse saque a Roma uma terrível visita de Deus, um claro convite ao papado mundano ao arrependimento” (SHELLEY, 2004, p. 304).

2. O CONCÍLIO DE TRENTO

2.1 A comissão da reforma Católica e o Colóquio de Regensburg

Por muito tempo o trono papal foi ocupado por homens que eram mais políticos do que pessoas religiosas. O Papa que estivesse no poder tinha tantos problemas e preocupações políticas que as verdadeiras preocupações, as espirituais, tinham sido deixadas de lado. Porém em 1534 isso muda, Alessandro Farnese torna-se o papa Paulo III, mantendo-se no poder até 1549. Após muito tempo, os desejos por uma reforma finalmente poderiam ser atendidos, e o problema com os protestantes talvez pudesse ser resolvido com uma reconciliação.²⁰

Já no início de seu mandato, em 1536 Paulo III proclamou que o concílio que estava sendo tão desejado se reuniria em Mântua em 1537. Pensando em tal concílio o Papa também preparou uma comissão de nove cardeais²¹ para preparar um relatório com pontos para a reforma da Igreja.²² Após dois meses foi formado então o *Consilium de emendanda ecclesia*²³, um documento que registrava abusos como nepotismo, simonia, acúmulo de benefícios, absenteísmo, imoralidade clerical e venalidade.

Porém o concílio que era tão esperado estava sendo adiado várias vezes por conta da falta de consentimento²⁴ sobre o local onde o mesmo deveria ocorrer.²⁵ Nesse meio tempo, graças ao *Consilium de emendanda ecclesia*, foi possível uma reaproximação entre líderes protestantes e católicos. Em 1541 foi realizado o colóquio de Regensburg, no sul da Alemanha, onde estavam presentes representantes católicos como Contarini, que desejava reconciliar protestantes e católicos, e líderes protestantes como Martin Bucer e Filipe Melancton, que também desejavam uma reconciliação entre as duas partes.²⁶

Surpreendentemente esse colóquio permitiu que, por um breve momento, católicos e protestantes entrassem em acordo sobre dois temas básicos, mas de suma importância: Deus é a única fonte de salvação e as boas obras humanas são uma resposta necessária ao ato redentor de Deus. Porém logo esse entendimento se perdeu, pois houve atrito quando o lado católico insistiu na defesa da transubstanciação²⁷, no poder exclusivo clero para interpretar as

²⁰ NOLL, 2000, p. 214.

²¹ Os membros dessa comissão era formado pelos cardeais Contarini, Carafa, Sadoletto e Pole e pelos bispos Fregoso, Aleander e Giberti, também pelo abade Cortese e por Badia, chefe do Sacro Palácio (LINDBERG, 2001).

²² LINDBERG, 2001, p 402.

²³ No caso: “*Conselho acerca da reforma da Igreja*”.

²⁴ ADIAMENTO DO CONCÍLIO ocorreu durante anos, e “não houve qualquer reunião do concílio porque Francisco I fez tudo o que estava ao seu alcance para evitá-las. Em seu afã de liderar a Europa, ele temia os concílios pois estes fortaleceriam Carlos. Francisco até mesmo parou de incitar os turcos contra o imperador. Duas guerras entre Francisco e Carlos adiaram a realização de um concílio até 1545, quase três décadas após o surgimento das teses de Lutero” (SHELLEY, 2004, p. 306).

²⁵ GONZALEZ, 1983, p. 198.

²⁶ NOLL, 2000, p. 215.

²⁷ Doutrina que afirma que o pão e o vinho da Eucaristia se transformam literalmente no corpo e sangue de Jesus Cristo (NOLL, 2000).

Escrituras e na autoridade suprema do Papa. Diante disso os acordos foram encerrados, e só haveria uma nova tentativa quatro anos depois, no Concílio de Trento.²⁸

2.2 O Concílio de Trento

“Este Concílio acabará dentro de semanas!”, havia exclamado um bispo italiano pouco antes do início do que seria o concílio ecumênico mais demorado da história da igreja Católica: o concílio de Trento (1545-1563). O Papa Paulo III, ao ver que a igreja de Roma havia perdido grande parte do seu território para as igrejas que haviam saído da reforma (calvinistas, anabatistas, anglicanos, e outras), viu-se obrigado a tomar alguma atitude para que o novo cisma pudesse ser controlado o quanto antes. Então, em 1545²⁹, são convocados todos os cardeais para se apresentarem na cidade de Trento, e teve início o concílio que no fim iria aumentar a separação entre católicos e protestantes.³⁰

A realidade é que as ideias protestantes já haviam dominado o sudeste da França, a Dinamarca, boa parte da Suécia, Noruega, Finlândia, Holanda, Suíça, Islândia, Escócia e Inglaterra. Embora estes países não seguissem o mesmo ramo protestante, todos tinham uma coisa em comum: haviam se separado ou estavam se separando de Roma.

O Papa tinha como objetivo resolver essa situação que havia se alastrado por toda a Europa, e de fato as discussões do concílio foram fervorosas, já que alguns cardeais simpatizavam com algumas ideias da Reforma³¹, como a justificação pela Fé³² e o fim das indulgências. Porém, mesmo assim, eles consideravam alguns fundamentos do protestantismo como errados, como a negação dos cultos aos santos e a não obediência ao papado.³³

Porém a maioria esmagadora do concílio era radicalmente contra as igrejas protestantes³⁴, ao ponto de que haviam partes que desejavam considerar todas as igrejas da reforma como heréticas. Mesmo assim, uma questão ganhou consenso no concílio: a Igreja precisava de uma reforma.

Ao fim do concílio que durou 28 anos, algumas questões sólidas do catolicismo foram reafirmadas: o papado era a representação visível de Cristo na terra, e a tradição estava em pé de igualdade com a Bíblia, questões fundamentais criticadas fortemente por Lutero. Da mesma forma a Justificação pela fé foi rejeitada, argumentando-se a partir da Epístola de Tiago que as obras também eram necessárias para a salvação. Assim também foi rejeitada a

²⁸ NOLL, 2000, p. 215-216.

²⁹ “Embora o concílio convocado por Paulo tenha se iniciado em 1545, ele se reuniu periodicamente até 1563, em três seções principais, as quais não tiveram boa aceitação, devido ao comparecimento não numeroso. As rivalidades políticas eram demonstradas às claras. Ainda assim, o concílio promoveu algumas mudanças” (CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 105).

³⁰ MARTINA, 1993, p. 239.

³¹ NICHOLS, 1997, p. 202.

³² NOLL, 2000, p. 215-216.

³³ DANIEL-ROPS, 1984, p. 74-172.

³⁴ GONZALEZ, 1983, p. 185.

predestinação e reafirmaram o livre-arbítrio (questões criticadas e combatidas não somente por Lutero, mas também por João Calvino).

Foram defendidas a transubstanciação, a crença no Purgatório e o culto aos santos. Para reforçar todas estas crenças foi aprovada a inclusão de mais 7 livros no cânon bíblico³⁵, livros que eram considerados apócrifos, são eles: Tobias, Judite, Baruque, Eclesiástico, Sabedoria de Salomão, os dois livros de Macabeus e adições de capítulos nos livros de Daniel e no livro de Ester. Tais livros não são aceitos nem pelos judeus ou por qualquer outra igreja cristã.³⁶

Foram revogadas e extintas as indulgências (maior crítica de Lutero contra a Igreja Católica); os bispos e padres foram obrigados a residir em suas igrejas e não mais em casas próprias longe de suas paróquias, e também foi ordenado que eles ensinassem melhor seus fiéis em relação às crenças católicas, para que assim não fossem convencidos facilmente pela doutrina protestante.

Embora o concílio de Trento tenha feito algumas mudanças “significativas” em relação a alguns princípios da Reforma, como as Indulgências e o ensinamento dos fiéis, no fim acabou somente aumentando as discordâncias e separando de vez as igrejas protestantes da Igreja Católica, tornando assim impossível um “reconciliamento” entre as duas igrejas.³⁷ Por outro lado, o Concílio serviu de base para uma força com comando militar, denominada Ordem dos Jesuítas, disposta a fazer com que as decisões do Concílio fossem seguidas e promulgadas no mundo inteiro.

3. OS JESUÍTAS

3.1 Inácio de Loyola

Enquanto a Inquisição foi a arma defensiva da igreja Católica em relação a novos ensinamentos e doutrinas, tanto antes quanto depois da Contrarreforma, já em contra partida a Ordem dos Jesuítas foi o seu instrumento de estratégia ofensiva. Esta Ordem foi fundada e aprovada pelo Papa em 1540. O fundador dos Jesuítas foi Inácio de Loyola que era de uma rica família de nobres bascos.³⁸

“Ainda menino, Inácio deixou o escuro castelo dos Loyola perto dos Pirineus para fazer parte da corte de um nobre amigo de seu pai”.³⁹ Após ter vivido a vida comum de um nobre rico (amores e jogos), ele procurou se tornar um soldado. Porém, sua vida como soldado não foi fácil, em 1521, teve sua perna esmagada em uma batalha contra os franceses na Batalha

³⁵ A LÍNGUA DA MISSA E DA TRADUÇÃO BÍBLICA vai em direção contrária ao protestantismo, que dava “importância ao culto nas línguas locais, que o povo falava, foi vencido pela missa em latim. Temendo o que poderia acontecer se todo camponês pudesse realmente ler as Escrituras sozinho, o concílio disse mais uma vez que somente a igreja poderia interpretar adequadamente as Escrituras, e se opôs ao uso da Bíblia na língua falada pelas pessoas comuns. A Vulgata deveria ser usada nas leituras públicas e nos textos doutrinários (CURTIS, 2003, p. 105).

³⁶ ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x protestantes: a guerra dos trinta anos (1618-1648)**. Edição do Kindle, posição 877-893.

³⁷ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

³⁸ DREHER, 2002, p. 118-119.

³⁹ SHELLEY, 2004, p. 307.

de Pamplona, e por um ano ele ficou no hospital tendo sua perna fixada no lugar. Nesse tempo ele se dedicou a leituras religiosas e foi quando supostamente teve uma experiência com Deus.⁴⁰

Após se recuperar, Loyola fez uma peregrinação para a Terra Santa, e o seu sonho que antes era se tornar famoso, agora era se tornar um santo como santo Domingos ou santo Francisco de Assis. Porém para isso ele teria que se tornar um homem de Deus, e isso ele não era.⁴¹

Após esta peregrinação, ele se entregou completamente ao estudo religioso, ele aperfeiçoou um curso de discipulado que mais tarde seria conhecido como *Exercícios Espirituais*.⁴² Tais exercícios estipulavam um período intenso de meditação e oração por uma semana, que consistiam em quatro passos: (1) meditação sobre o próprio pecado, (2) a realeza de Cristo, (3) a paixão de Cristo e por fim (4) a vida ressurreta de Cristo.⁴³

A devoção de Loyola havia chegado a tal ponto que em 1534 ele e mais seis companheiros⁴⁴ fundaram o núcleo da Ordem Jesuíta que em seis anos receberia a aprovação papal. Embora essa nova ordem religiosa iniciou somente com seis membros, em 1566 ela teve um total de 1000 monges a serviço do Papa. E um fato interessante é que o seu fundador, Inácio de Loyola nunca saiu de Roma, de seu quarto ao lado da Igreja de Santa Maria, de onde ele coordenou através de correspondências as funções de seus membros.⁴⁵

3.2 O Ordem dos Jesuítas

No período em que ocorreu a Contrarreforma, muitas ordens religiosas haviam surgido, como as ordens dos teatinos, barnabitas, somascos, camilianos e entre outras várias ordens de clérigos regulares. Porém a que mais se destacou nesse período, não somente em influência mas também em frutos, foi sem dúvida a Ordem dos Jesuítas.⁴⁶ “O objetivo da ordem era simples: devolver a igreja Católica Romana à posição de poder espiritual e influência temporal que ela tivera três séculos antes sob Inocêncio III”.⁴⁷

Alguns votos da Ordem dos Jesuítas se assemelham muito a Ordem Franciscana, como os votos de pureza, castidade e pobreza. Porém, havia alguns detalhes dessa ordem que

⁴⁰ DANIEL-ROPS, 1984, p. 7-9.

⁴¹ NICHOLS, 1997, p. 204.

⁴² EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS – “um dos exercícios espirituais de Loyola, por exemplo, consistia em tornar os horrores do inferno reais: ‘Use a imaginação e ouça os gritos e gemidos e blasfêmias contra Cristo nosso Senhor e todos os santos. Aspire, pela imaginação, os odores de enxofre e o fedor de imundice e corrupção. Saboreie, pela imaginação todo o amargor de lágrimas e melancolia e crescente consciência. Sinta, através da imaginação, o calor das chamas que queimam as almas.’ A mesma técnica, é claro, poderia ser usada para representar a beleza da Natividade ou as glórias do paraíso. Com disciplina apropriada, a imaginação poderia fortalecer a vontade e ensiná-la a cooperar com a graça de Deus” (SHELLEY, 2004, p. 307).

⁴³ NOLL, 2000, p. 206-208.

⁴⁴ Eram seus companheiros: Nicolás Bobadilla, Pierre Favre, Diego Laynez, Simón Rodríguez, Afonso Salmerón e Francisco Xavier (NOLL, 2000).

⁴⁵ MARTINA, 1993, p. 230.

⁴⁶ MARTINA, 1993, p. 214-228.

⁴⁷ SHELLEY, 2004, p. 309.

influenciaram muito o contexto da Europa, um deles era a fé e a obediência completamente cega no Papa.⁴⁸

O principal objetivo dessa ordem em sua fundação era buscar a conversão dos turcos muçulmanos na região de Jerusalém, porém caso isso não fosse possível eles se colocariam à disposição para qualquer outra ordem que o Papa lhes desse.⁴⁹ Como não foi possível realizar a viagem para o Oriente, os seus principais objetivos se tornaram outros, estes eram: a educação dos fiéis na doutrina católica, que foram reafirmados e ganharam incentivo no Concílio de Trento (ver o subponto anterior), as missões estrangeiras que tiveram influência por todo o mundo, como nas Américas, Índia e até mesmo China, e, por fim, o combate às “heresias” que estavam surgindo, nesse caso para a Ordem dos Jesuítas, os próprios protestantes.

Nenhuma missão daquela primeira geração foi mais decisiva do que o grupo de jesuítas que participou do Concílio de Trento. Apenas 31 autoridades do concílio, lideradas por três legados papais, estiveram presentes às cerimônias de abertura do concílio. Nenhum deles poderia imaginar que seu modesto início levaria ao mais importante concílio desde Nicéia (325) até o Vaticano II (1962-1965). Sob a influência dos jesuítas, Trento transformou-se numa poderosa arma da Contrarreforma. Dois cortesões, inteligentes e muito influentes membros da sociedade - Diego Laynez e Alfonso Salmeron - direcionaram cada vez a ordem do dia para as "atitudes corretas da igreja" formada pelos seguidores de Loyola.⁵⁰

Os Jesuítas trabalhavam com duas ferramentas de apoio⁵¹, a Inquisição e o *Índex*⁵². Dessa forma, grande parte da Alemanha retornou para a igreja Romana, assim como boa parte do sul da Holanda e da Polônia. A eficiência dos Jesuítas era imensa, porém foi essa eficiência e o desejo de servir cegamente aos desejos do Papa que os fizeram tomar decisões erradas.

Com essa grande missão de ganhar e retomar terras para a igreja, e também de combater toda e qualquer doutrina contrária às de Roma, que os Jesuítas começaram a se envolver politicamente. Eles começaram a se tornar conselheiros de diversos príncipes, reis e senhores, e por meio disso eles defendiam que todo e qualquer método era válido, desde que a Igreja de Cristo ganhasse no fim.

A influência Jesuítica era tão grande que o Imperador *Ferdinando II* foi ensinado por eles a odiar os protestantes, assim como *Maximiliano da Baviera*. Estes dois homens foram os que estiveram na primeira fase da Guerra dos Trinta anos, e foram fortemente fomentados pelos Jesuítas a combaterem contra os protestantes, alegando que se tratava de uma guerra santa.⁵³

⁴⁸ LINDBERG, 2001, p. 410-415.

⁴⁹ NOLL, 2000, p. 207.

⁵⁰ SHELLEY, 2004, p. 309.

⁵¹ NICHOLS, 1997, p. 206.

⁵² Lista de livros proibidos pela igreja Católica, criado em 1559 pelo Papa Paulo IV (NICHOLS, 1997).

⁵³ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se estudar a Contrarreforma é possível notar que ela não foi unicamente uma resposta ao protestantismo que surgiu na Europa, mas foi também, em alguns aspectos, uma reforma dentro da própria igreja Católica. Antes mesmo de Lutero, Ximénez procurava reformar o catolicismo na Espanha, através de uma forte moralidade e uma boa formação teológica baseada na Suma de Tomás de Aquino.⁵⁴

Com o surgimento da Reforma Protestante, tais desejos por uma reforma interna no catolicismo vieram à tona. Houve desejos e tentativas de ambos os lados, tanto católicos quanto protestantes, para que a igreja Católica fosse de fato reformada; houve debates e acordos para que ambos os lados viessem a se reconciliar, como o Colóquio de Regensburg que por um momento aproximou temporariamente e talvez unicamente protestantes e católicos, que entraram em acordo antes de novamente divergirem entre si.⁵⁵

Com a convocação do tão esperado Concílio de Trento, pelo Papa Paulo III, que havia notado a necessidade de uma mudança dentro do catolicismo, o desejo por uma resposta aos interesses internos por uma reforma católica, e também a última tentativa de uma reconciliação entre católicos e protestantes se fez presente. Porém, o que começou com uma tentativa de união veio no fim somente para separar de vez protestantes e católicos, sem grandes mudanças internas na igreja estabelecida.⁵⁶

O fruto de tais tentativas frustradas, de ambos os lados, somente incentivaram ainda mais o Ordem dos Jesuítas, que garantiram uma gigantesca expansão católica no ocidente, e também fechou as portas para qualquer tentativa de entrada por parte dos protestantes em países como Espanha, Portugal e praticamente toda a América Latina, sem mencionar que aumentaram as tensões entre os governantes europeus, que no século seguinte causariam a Guerra dos Trinta Anos.⁵⁷

Mas não se pode ver apenas os aspectos negativos da Contrarreforma. Os jesuítas foram, durante três séculos, a única força missionária da igreja cristã; em parte porque apenas eles tinham as oportunidades além-mar alcançadas pelas nações católicas; por outro lado, os protestantes estavam preocupados demais em discordarem entre si e estabelecerem as doutrinas corretas, segundo a sua perspectiva. Se o mundo experimentou o cristianismo, foi por causa do esforço da Igreja Católica em decorrência da Contrarreforma.

A Contrarreforma, ao mesmo tempo que em alguns aspectos foi uma resposta aos protestantes, diminuindo e impedindo os seus avanços não apenas na Europa, mas também nas Américas, também foi em outros aspectos uma reforma interna, gerando mudanças dentro do próprio catolicismo, mudanças que iriam permanecer por mais de 400 anos até 1961 com o Concílio do Vaticano II.⁵⁸

⁵⁴ DREHER, 2002, p. 116.

⁵⁵ NOLL, 2000, p. 215.

⁵⁶ MARTINA, 1993, p. 239.

⁵⁷ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

⁵⁸ NOLL, 2000, p. 218.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x protestantes: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)**. Edição do Kindle.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003.
- DANIEL-ROPS. **A igreja da Renascença e da Reforma (II): A Reforma Protestante**. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a Era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- KUNZ, Claiton André. Ser ou não Ser? Eis a questão! **Revista via Teológica**, v.6, dez. 2002.
- LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- MARTINA, Giacomo. **História da igreja: de Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1993.
- NICHOLS, Robert Hastings. **História da igreja cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.
- NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **História do cristianismo em esboço**. Recife: STBNB, 1998.
- SHELLEY Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos**. Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2004.